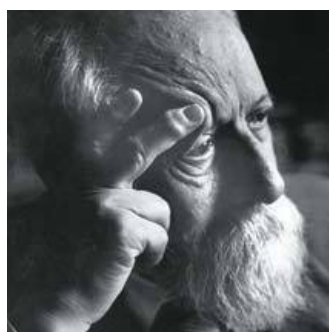


Pensadores da Educação

Martin Buber, um teólogo que prega o diálogo

Filósofo judeu sugere que os professores ensinem os jovens a conviver com o próximo

Marcos Gomes



Martin Buber

Martin Buber (1878-1965) foi um respeitado jornalista e teólogo. Defensor da coexistência entre árabes e judeus, foi um crítico do modelo adotado na construção do Estado de Israel e, como filósofo, publicou um livro de menos de 100 páginas que é considerado um dos mais densos e belos da área: *Eu e Tu*, de 1923. A base de seu pensamento é o diálogo, como única saída para o mundo em que viveu, dividido e marcado pela intolerância e pela violência - um pouco como os dias atuais.

Buber aplicou à Pedagogia os conceitos que usava em sua defesa da paz. Ele explica como, a seu ver, o processo educativo deve privilegiar a conversa e a cooperação entre as crianças. Para ele, saber se relacionar é mais importante do que ser individualmente bem-sucedido. "A relação eu-tu é um ato essencial do homem, atitude de encontro entre dois parceiros na confirmação mútua", destaca Newton Aquiles von Zuben, professor de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Campinas e tradutor de Buber para o português. Essa união tem como pressuposto o nós e só existe se houver diálogo.

Os conceitos da obra-prima seriam retomados em toda a sua produção, inclusive em ensaios pedagógicos escritos ao longo da vida. A professora Maria Betânia do Nascimento Santiago, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), ressalta, numa tese que resume toda a obra do pensador, como ele vê o processo do aprendizado no ser humano. No começo da vida, segundo Buber, a criança vivencia o mundo admirando o outro, o tu. Esse tu, mais tarde, vai ajudar na constituição do eu, na medida em que a criança for percebendo seus próprios limites em relação ao que ela imaginava sobre as pessoas que a cercam.

Bem no começo da infância, o eu tem a ilusão de ser onipotente e vive num mundo de fantasias. Com o tempo, o sujeito percebe que não é perfeito e, mais ainda, que vai sempre depender das relações - mentais ou sociais - que estabelece com o tu. "O tu inato expressa-se na ternura e na reciprocidade. O homem se torna eu na relação com o tu", cita Maria Betânia.

Além disso, assim que percebe a distância entre o eu e o tu, surge o chamado impulso de criação, pelo qual o ser humano, ao se encontrar vivendo com outros, passa a ter a necessidade de criar - coisas e a si próprio. "Tudo o que aparece e acontece com o homem se transforma em algo motor, num poder fazer ou num querer fazer", escreveu ele.

Os riscos da exercitação e o papel do professor na gestação do eu

O impulso de criação, segundo Buber, nunca deve gerar uma produção vazia, já que não deve ter como finalidade um ter, mas um fazer - e bem pensado. Como a criação é unilateral, no entanto, a criança que não reflete sobre o que faz corre o risco de se tornar egoísta e de não se constituir plenamente. Caberia ao educador ensinar que a criatividade e o sucesso não são nada se não vierem juntos da consciência da participação nas coisas e da necessidade da reciprocidade.

Essa espécie de desvio do impulso de criação é contrabalançada por outra: o impulso da interligação. Segundo o filósofo, é com essa força que "desejamos que o mundo se torne a pessoa presente que nos acolhe e reconhece, assim como nós a ela, que se confirma em nós, assim como nós nela". Saber orientar essa construção é uma das grandes responsabilidades do professor, adverte Maria Betânia. "O caminho para a Educação é deixar-se guiar pela própria realidade, tendo um posicionamento que, mesmo suave, deve ser firme, pelo compromisso de revelar o que é certo e o que é errado."

Buber critica muitas posturas da Pedagogia Ativa, movimento educacional de vanguarda de meados do século 20. Ele é contra, por exemplo, a ênfase dada ao aprendizado por meio de fórmulas mecânicas, como exercícios. Ele se opõe aos pedagogos que definem o ensino unicamente em termos de desenvolvimento intelectual. Para Buber, a prioridade é o desenvolvimento da habilidade de se relacionar com os outros. Ele atenta para a existência de toda uma multiplicidade de inclinações e instintos, diferentes em cada criança, que não podem ser canalizados e apagados em nome da imposição de um modelo único de ensino. "Buber admite a existência de disposições prévias, relacionadas às capacidades de perceber, imaginar, de dar sentido ao mundo, e que fazem parte da nossa singularidade", explica a pedagoga.

As ideias de Buber, disseminadas em simpósios e conferências, deram novos rumos à Filosofia, ao estabelecer relações entre a Metafísica (saber que questiona o que é a existência) e o humanismo (que tem como centro a preocupação com o homem e não com

uma verdade absoluta que o excluiria das indagações). Von Zuben, da PUC, destaca o caráter contra-a-corrente do filósofo. "Vivemos no mundo de relações virtuais, da tecnologia, dos desencontros como padrão de vida." Para o especialista, as pessoas teriam muito a ganhar se dessem mais ouvidos a Buber.

Biografia

Sionista na Alemanha, conciliador em Israel

Martin Buber nasceu em Viena, Áustria, no dia 8 de fevereiro de 1878. Editor do semanário *Die Welt*, principal órgão de imprensa dos sionistas, e da revista *Der Jude*, publicação mensal dedicada à comunidade judaica alemã, foi professor da Universidade de Frankfurt am Main. Renunciou ao cargo logo depois da ascensão de Adolf Hitler (1889-1945) ao poder, em 1933. Proibido de dar palestras, ainda fundou um centro de ensino judaico em plena Alemanha nazista.

Abandonou o país um ano antes do começo da Segunda Guerra, em 1938. Mudou-se para Jerusalém, onde foi um dos expoentes do movimento pelo binacionalismo, a defesa de um país habitado tanto por judeus como por árabes. Em 1946, publicou o livro *Caminhos da Utopia*, em que detalha sua visão de uma Terra Santa compartilhada pelos dois povos dentro das mesmas fronteiras.

Traduziu a Bíblia do hebraico para o alemão de 1922 a 1961. Morreu aos 87 anos, em 13 de junho de 1965.

Os caminhos de Buber

O papel do outro na construção do conhecimento



COLETIVO NECESSÁRIO Assim como Sócrates, Buber defendia a troca entre interlocutores

Enraizado na consciência da importância do diálogo para o estabelecimento da verdade, o pensamento de Martin Buber retoma o espírito do diálogo socrático. Quase 2,4 mil anos depois de Sócrates (470-399 a. C.), Buber revive o diálogo como base da Filosofia.

Ainda adolescente, leu os filósofos alemães Immanuel Kant (1724-1804) e Friedrich Nietzsche (1844-1900), que influenciariam toda sua obra. De Kant, ele herda a consciência de que não existe verdade absoluta para a condição humana e que o próprio espaço e o tempo são maneiras de perceber o mundo. De Nietzsche, ele recupera o raciocínio por flashes, por frases poéticas que funcionam como aforismos - aproximações de uma verdade que o homem só percebe fragmentada.

A tônica humanista de Buber, que prega que a consideração pelo outro é fundamental no próprio fazer da Filosofia, inspiraria outros pensadores.

Quer saber mais?

BIBLIOGRAFIA

Do Diálogo e do Dialógico, Martin Buber, 174 págs., Ed. Perspectiva, tel. (11) 3885-8388, 30 reais
Eu e Tu, Martin Buber, 154 págs., Ed. Centauro, tel. (11) 3976-2399, 40 reais

INTERNET

Tese [Diálogo e Educação: O Pensamento Pedagógico em Martin Buber](#), de Maria Betânia Santiago